

UMA AVENTURA CHAMADA BRASIL

(PARTE 6)

DF - Brasília

Freqüentemente reduzida à condição de sede da Esplanada dos Ministérios, a cara real de Brasília é bem diferente. Prova disso é que menos de um quarto da população economicamente ativa trabalha no setor público



BRASÍLIA ALÉM DA ESPLANADA

Sylvio Costa e Wanderlei Pozzembom (fotos)

“Ilha da fantasia”, “paraíso dos marajás”, “capital dos barnabés”... Impossível listar a infinidade de expressões pejorativas usadas para caracterizar Brasília como uma espécie de apêndice parasitário do poder.

No imaginário dos brasileiros, sobretudo daqueles que não moram aqui, é provável que seja esta a visão predominante a respeito do Distrito Federal.

O olhar preconceituoso implícito nesta visão não ignora apenas o fato de existir uma cidade real ao redor da Praça dos Três Poderes e da Esplanada dos Ministérios.

Deixa de levar em conta, principalmente, dados fundamentais sobre a frágil, mas crescente, economia local.

NO SETOR PRIVADO

Projetado para ter 500 mil habitantes no ano 2000, o Distrito Federal já tem hoje uma população de 1.868.180 pessoas, segundo a Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan). A mesma Codeplan informa que, dos 798,8 mil moradores que formam a chamada população economicamente ativa (PEA), 192,5 mil — ou 24% — trabalham no setor público.

Não se pode dizer que é pouca gente, até porque o percentual ex-

clui os empregos indiretos gerados por empresas e órgãos públicos. Mas os números não deixam dúvidas: há uma cidade sem chapa branca escondida sob aquela Brasília oficial que garante as principais manchetes da imprensa de todo o País.

SEM FAVORES

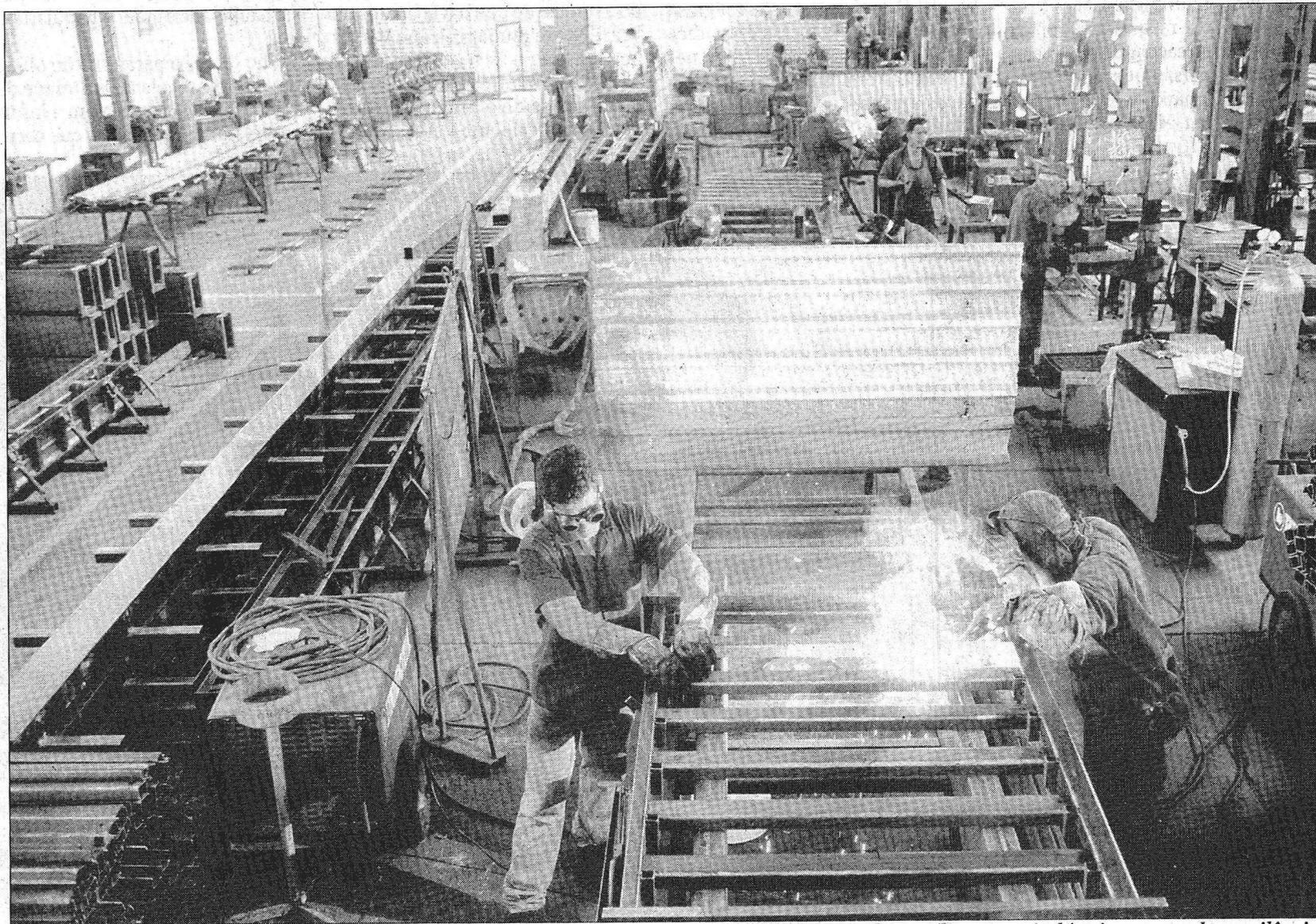
À medida que o tempo passa, a cidade dos barnabés perde espaço para a cidade dos que batalham a vida sem as facilidades do dinheiro ou dos favores federais.

Prova disso é que, em 1986, a administração pública respondia por 42,2% da renda gerada no DF. Em 1990, último ano em que o dado foi apurado pela Codeplan, esse percentual caiu para 38%.

“Com a política de enxugamento da máquina administrativa, essa participação já pode ter caído de 1990 para cá e vai cair muito mais”, afirma Ana Paula Machado Pessoa, assessora econômica da Federação das Indústrias de Brasília (Fibra).

“Apesar de o peso do setor público ainda ser grande, sem dúvida, esta é a tendência”, concorda Júlio Miragaya, gerente de base de dados da Codeplan.

Uma tendência claramente demonstrável pelo trabalho das centenas de milhares de anônimos cidadãos que diariamente pintam de amarelo ou cinza aquela velha chapa branca. Aqui, três exemplos.



Sem chaminés, elas convivem pacificamente com as áreas verdes e monumentos arquitetônicos de Brasília: são as indústrias crescendo em silêncio